

## UM PRESENTE PARA HITLER

Jesuíno Aparecido Andrade

Na televisão, o diretor Jayme Monjardim provou saber conduzir grandes melodramas com toques épicos, para ilustrar, poderíamos citar os exemplos de Pantanal, Terra Nostra, O clone e A Casa das Sete Mulheres. Como estreante no cinema ele acertou em alguns pontos e cometeu erros em outros, aliás, o mesmo procurou transportar para a telona tudo o que já estava acostumado a fazer na telinha. Além disso, a sua tarefa foi árdua: Transformar uma história já conhecida do público, através da biografia escrita por Fernando Morais, em algo novo, cativante, que mostrasse ao mesmo tempo a relação amorosa entre os personagens centrais, sem no entanto, deixar de ressaltar a importância histórica de ambos.

O filme Olga, desde as cenas iniciais, é um passeio deslumbrante pela história da primeira metade do século xx, tendo como pano de fundo as lutas comunistas na União Soviética, o nazismo alemão, e a ditadura de Vargas no Brasil. A história da judia de origem alemã que desde cedo foi perseguida pela polícia, abandonou a vida confortável que levava junto à família, fugiu para Moscou onde recebeu treinamento militar para tornar – se uma militante comunista e no decorrer dos fatos acaba se encontrando com o também revolucionário Luís Carlos Prestes, brasileiro que se encontrava no exílio, é sem dúvida, o ponto alto do filme e o que prende a atenção do telespectador.

Uma das críticas que poderíamos fazer a respeito deste filme é que o mesmo possui uma grande semelhança com as novelas da Globo, com relação a isto não vejo maiores problemas, já que as mesmas são muito bem produzidas, com ótimos enredos e de altíssima qualidade técnica. Mas tem uma questão que precisa ser levada em conta: Uma novela dura meses, facilitando a ligação do público com os personagens, além de dar mais tempo para eles se desenvolverem. No

cinema, essa ligação entre público e personagem tende a ser mais rápida, e é exatamente isso que falta em Olga. Para dificultar ainda mais, os diálogos são em estilo teatral, dando a impressão que a personagem só fala por discursos e não consegue dizer uma só palavra sem discorrer sobre o manifesto comunista. Outro ponto negativo é quanto à abordagem histórica que se dá a Prestes, o mesmo é reduzido ao par romântico de Olga, isso faz com que a sua força de revolucionário brasileiro, aliás o mais importante, se perca. Mas, sem dúvida o ponto alto do filme é sua fotografia. Uma das maiores qualidades de Monjardim é saber dirigir visualmente. Com belas cenas de movimentações de câmera, o diretor nos brinda visualmente com reproduções perfeitas do campo de concentração, de Moscou e do Rio de Janeiro antigo.

A cena inicial do filme compromete todo o seu enredo, pois mostra Olga no campo de concentração, isso tira todo o suspense que a história poderia provocar no telespectador já que a mesma antecipa o final. Percebe – se que o roteiro não é fiel ao livro, que enfoca mais o aspecto político da vida de Olga; a roteirista Rita Buzzar no entanto, com o intuito de prender a atenção do público, enfatiza mais os conflitos resultantes do romance entre os protagonistas. A Olga vista no filme é uma mulher aborrecida, mal – humorada, tornando – se impossível para o telespectador, compreender o que Luís Carlos Prestes poderia ter enxergado de tão envolvente em sua companheira além da beleza física. O próprio Prestes é retratado como um sujeito fraco e medíocre, que obedece todas as ordens da mulher que foi encarregada de lhe dar proteção durante a viagem de volta para o Brasil, aspecto bem diferente do revolucionário que se conhece da história, que ao liderar a Coluna anos antes, sequer permitiu a participação de mulheres.

Outro aspecto histórico interessante que pode ser notado no filme é a forma como Getúlio Vargas é mostrado, a imagem de “pai dos pobres” é ofuscada por a de um ditador sanguinário e perseguidor dos opositores políticos, que chega a deportar uma mulher grávida para a Alemanha nazista sem que a mesma tivesse cometido nenhum crime grave, a não ser a acusação de ser

militante de esquerda, elogios aqui devem ser feitos ao ator Osmar Prado que representou brilhantemente esta postura até então pouco conhecida do ditador. Uma cena interessante do filme é quando Olga vê da janela do quarto que ocupava juntamente com Prestes no subúrbio do Méier, zona sul do Rio de Janeiro, a passagem de um bloco de carnaval. A roteirista nesse caso, tem a intenção de mostrar simbolicamente o sonho de felicidade social (aliás o de Olga), e, ao mesmo tempo, as impossibilidades de mudar o mundo de cima para baixo. Deve – se notar também que como a intenção do filme é retratar a vida privada de Olga, vários fatos políticos da época em que viveu são colocados em segundo plano. Um exemplo é a fracassada Intentona Comunista de 1935, a mesma é apresentada de forma tão obscura que parece nem ter importância para a história do país e principalmente para a vida dos protagonistas, que aliás historicamente tiveram uma ligação direta com o fato.

Quanto a interpretação dos atores envolvidos no drama, a atuação de Camila Morgado no papel da protagonista é de certo modo regular, muito introspectiva para uma revolucionária, a única cena de destaque é a que a filha é tirada de seus braços pelos guardas da prisão alemã. Caco Ciocler, no papel de Prestes também não se destaca, o único ponto a ser levado em conta é a semelhança física que o ator apresenta como o personagem da vida real. Merece uma menção honrosa pela interpretação no entanto, Fernanda Montenegro, que vive dona Leocádia Prestes, a mãe do revolucionário, a atriz soube dar vida a personagem que lutou durante boa parte da trama para libertar o filho e a nora que estavam na prisão. Como o destaque já foi dado anteriormente ao ator Osmar Prado pela interpretação de Getúlio, pode – se incluir também Floriano Peixoto que fez o papel de Filinto Müller, o chefe da polícia de Vargas. Porém quanto a este último personagem o roteiro comete uma incoerência, em um dos diálogos, Getulio diz a ele que a sua raiva em relação a Prestes é devido ao fato de que o revolucionário o tivesse expulsado da

Coluna, o roteiro deixa totalmente vago essa afirmação e no que se refere a questão histórica desconheço que tenha havido qualquer relação entre esses dois personagens reais.

Apesar de todos os pontos falhos que foram abordados, o filme merece ser destacado, primeiro por ser brasileiro, já que as produções brasileiras apesar das dificuldades de arrecadar recursos para a realização de filmagens vêm conquistando espaço desde 1994 com a chamada “retomada do cinema nacional”, segundo porque no que se refere à qualidade técnica, cenários, fotografias e direção de arte o mesmo não é inferior às produções hollywoodianas. Percebe – se que a linguagem televisa empregada no mesmo com closes exagerados e diálogos lentos o prejudicou um pouco, já que a linguagem própria de cinema tende a ser mais rápida, mas mesmo assim ele tem suas qualidades, tanto que, foi o filme escolhido pela comissão de críticos de cinema do Ministério da Cultura para ser o representante brasileiro na categoria de melhor filme estrangeiro no Oscar de 2005, se tiver a mesma sorte que outras histórias semelhantes a sua como a Vida é Bela e a Lista de Schindler é bem provável que o Brasil possa ganhar a sua primeira estatueta, curiosamente com a exploração do drama da mulher que as suas autoridades entregaram de presente ao nazista Hitler para que fosse sacrificada no campo de concentração.

Referência Audiovisual

Monjardim, Jayme. Olga. Globo filmes. Dur: 141 minutos. Brasil, 2004.